

E. SITUAÇÃO ATUAL DA DENGUE

Introdução

1. A dengue, doença endêmica na Região das Américas com ciclos epidêmicos, continua sendo um problema significativo de saúde pública. Sua persistência encontra-se associada à existência de determinantes sociais e ambientais como o crescimento populacional, as migrações, a urbanização não controlada e não planejada e os grandes cinturões de pobreza nas cidades, inclusive em muitas de nossas capitais.

2. Os determinantes ambientais são os que mais se relacionam diretamente à persistência da dengue. A falta de serviços básicos é um dos principais problemas, principalmente o déficit crônico no fornecimento contínuo de água, sérios problemas na devolução de águas residuais ao meio ambiente e na coleta apropriada de resíduos, e condutas inadequadas no tocante ao uso e descarte de materiais não biodegradáveis. Além de danificar o meio ambiente, esses problemas geram condições que favorecem em muito a proliferação do vetor da dengue e de outros vetores.

3. Este relatório apresenta uma atualização da situação da doença e o grau de avanço das atividades promovidas pelos Estados Membros para sua prevenção e controle.

Antecedentes

4. Na 27ª Conferência Sanitária Pan-Americana de 2007, os países reconheceram o problema que representam os surtos cada vez mais frequentes da dengue e a complexidade da situação epidemiológica para sua prevenção e controle. A Conferência considerou a dengue como um problema que vai além do setor da saúde e orientou a busca por políticas públicas para o controle dos determinantes sociais e ambientais de sua transmissão e o fortalecimento das estratégias nacionais de gestão integrada para sua prevenção e controle (EGI-dengue).

Análise da Situação

5. A dengue nas Américas mantém uma situação epidemiológica muito complexa, com a circulação dos quatro sorotipos da doença e condições muito propícias para sua transmissão. O ano de 2010 foi o de maior notificação, com 1,6 milhão de casos, sendo 50.235 graves e 1.185 óbitos. Em 2011, houve uma redução de 39% da morbidade e de 40% na mortalidade, com 1.044.279 casos e 719 mortes, respectivamente, tendência que aparentemente se manterá neste ano de 2012. Também houve uma queda de 39,1% na proporção de casos graves em 2011 com relação aos últimos quatro anos, que pode estar relacionada com a aplicação nas novas diretrizes de manejo de casos, que preconizam o

atendimento oportuno em caso de sinais de alerta que indicam gravidade, desde o nível da atenção primária à saúde.

6. Atualmente, 23 países e territórios das Américas já elaboraram suas EGI-dengue nacionais. Além disso, quatro EGI-dengue sub-regionais foram desenvolvidas (sub-região andina, Cone Sul, América Central e Caribe anglófono).

7. O processo de avaliação das EGI-dengue começou no México em 2008. Desde então, 18 países e territórios já foram avaliados. O Grupo Técnico Internacional (GTI-dengue) e os grupos técnicos nacionais participaram integralmente de todos os processos de avaliação. O GTI-dengue presta apoio técnico em situações de surtos e epidemias desde 2003 e vem fortalecendo a capacidade técnica dos países. Atualmente, o Grupo está agindo para impulsionar a utilização de ferramentas novas, tais como o Levantamento de Índice Rápido de Infestação por *Aedes aegypti* (LIRAA), os Sistemas de Informações Geográficas (SIG), novos exames de diagnóstico e a nova classificação da dengue.

8. Durante o biênio 2009-2010, surtos importantes foram notificados na Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Guadalupe, Honduras, Martinica, Paraguai, Porto Rico, República Dominicana e Venezuela. É notória a importância de uma abordagem mais integral do problema com a participação dos municípios, do setor privado, da comunidade e dos meios de comunicação, além do setor da saúde. Como exemplo, temos os surtos em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), no Chaco argentino e em Honduras. É importante destacar o trabalho solidário entre os países da Região e o papel da OPAS/OMS na coordenação de uma colaboração cada vez maior entre os países, que inclui o intercâmbio amplo e constante de recursos, pessoal e equipamentos.

9. Foi consolidada a Rede de Laboratórios de Dengue das Américas (RELDA), composta pelos laboratórios nacionais de referência e dos quatro centros colaboradores em dengue da OPAS/OMS. O processo de controle de qualidade e o uso de técnicas de diagnóstico molecular foram fortalecidos.

10. Continuam os esforços de capacitação dos países nas metodologias de comunicação de riscos e promoção da saúde, a fim de avançarmos na modificação das condutas humanas como parte da abordagem comunitária aos determinantes sociais e ambientais da dengue. Em 2011, uma publicação que sistematiza as lições extraídas desta área tão complexa foi elaborada e distribuída a todos os países.

11. A EGI-dengue está influenciando na elaboração de políticas públicas, leis e portarias para melhorar o meio ambiente e enfrentar os determinantes sociais e ambientais causadores da dengue. No entanto, para que os esforços atuais se tornem sustentáveis, é preciso haver um maior impulso extrassetorial e um enfoque nestes determinantes. Neste

contexto, a participação comunitária desempenha um papel decisivo, do qual devemos estar cientes.

12. Em 2010, começou o processo de divulgação das novas diretrizes sobre a dengue elaboradas pela OPAS/OMS, por meio de sua tradução, publicação e distribuição. O componente de atendimento ao paciente foi adaptado por especialistas da Região em 2010 e foram realizadas ações de capacitação em todos os países da América do Sul, América Central e do Caribe.

13. Com a introdução das novas diretrizes, pretende-se focar principalmente a vigilância de casos desde o âmbito da atenção primária, sobretudo no tocante à detecção dos sinais de alerta que indicam quadro de maior gravidade. Isso permite uma intervenção oportuna na hidratação dos pacientes e uma redução do risco de que o quadro evolua para formas mais graves da doença ou mesmo para o óbito.

14. A vigilância entomológica é um dos componentes em que mais dificuldades vêm sendo encontradas, principalmente no que tange à infraestrutura, aos recursos materiais e humanos e a uma grande perda na logística e na qualidade necessárias para o trabalho. Atualmente, os países estão fortalecendo a vigilância e o controle técnico do vetor de diversas maneiras, e a OPAS/OMS, junto com outros colaboradores (como os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, diversas instituições científicas e acadêmicas, representantes da indústria e peritos nacionais), está trabalhando a fim de extrair lições e buscar novas ferramentas, tecnologias e metodologias que permitam aumentar as capacidades nacionais para a vigilância entomológica e o controle integrado de vetores.

15. No tocante ao combate do vetor, o uso inadequado de inseticidas compromete a durabilidade dos princípios ativos disponíveis atualmente e fortalece o aumento da resistência do *Aedes aegypti* aos inseticidas. Além disso, são poucos os países desta Região que realizam pesquisas sobre a suscetibilidade e resistência. Por este motivo, a OPAS/OMS está trabalhando em um projeto regional sobre vigilância da resistência aos inseticidas, em cooperação com a Rede latino-americana de Controle de Vetores (RELCOV) e com o apoio de quatro centros de referência.

16. Atualmente, há várias vacinas contra a dengue em fase de desenvolvimento clínico, e é possível que, em pouco tempo (5 a 10 anos), haja pelo menos uma vacina segura e eficaz. A mais avançada, uma vacina de vírus vivo atenuado contra os quatro sorotipos, encontra-se em ensaios clínicos de fase III, cujos resultados são esperados para 2013. Existe um incentivo para que os Estados Membros e a OPAS/OMS se preparem de forma oportuna e baseada em evidências para a introdução da vacina contra a dengue, a qual, em um contexto integral, será mais uma ferramenta para o controle da dengue.

Destaca-se a intenção do ProVac¹ de incluir a vacina contra a dengue em seus trabalhos futuros.

17. Durante os últimos dois biênios, a cooperação dos governos espanhol e canadense foi fundamental para os avanços obtidos. Nos próximos anos, o Projeto Mesoamérica contra a dengue será um apoio para os países desta sub-região.

18. Ainda há grandes desafios para a prevenção e controle da dengue na Região. Os países ainda enfrentam sérios problemas no que diz respeito à atenção aos determinantes sociais e ambientais, problemas estes complicados por outros fatores externos, como a mudança climática, que favorecem o ciclo de vida do mosquito transmissor.

19. A Organização está trabalhando para resgatar todas as inovações e iniciativas que proporcionaram bons resultados de prevenção e controle, sobretudo no campo da comunicação social, da participação comunitária e da mudança de comportamentos. Cabe destacar o exemplo recente do Panamá, onde ocorreu um aumento do vetor como consequência de grandes investimentos em obras públicas. Chegou-se a um acordo com a indústria e as construtoras mediante o qual foram estabelecidas novas normas regulamentadoras sobre a responsabilidade destas empresas, a fim de assegurar que as obras não gerem espaços que favoreçam o surgimento de criadouros do mosquito.

20. É importante ver além do setor da saúde e mesmo da responsabilidade cidadã para que possamos identificar todas as oportunidades de combate a este vetor, que está se adaptando cada vez mais à vida doméstica.

Proposta

21. Neste relatório de situação, apresentamos os avanços e o trabalho da Repartição Sanitária Pan-Americana para a prevenção e do controle da dengue na Região. Propõe-se continuar apoiando a resposta de gestão integrada, fortalecer as capacidades nacionais e intensificar os esforços dos Estados Membros no sentido de implementar políticas públicas que repercutam nos determinantes sociais e ambientais relacionados com esta doença.

¹ A iniciativa ProVac, composta por instituições e organizações de alto nível científico, foi criada pelo projeto de imunização da OPAS/OMS para fortalecer a capacidade nacional para a tomada de decisões baseada em evidências no tocante à introdução de novas vacinas.